

Sumário

<i>Prefácio</i>	11
<i>Introdução</i>	13
PARTE I: REALIDADES FABRICADAS	19
1. Cultura, identidade e surdez	21
SURDO: DIFERENTE OU DEFICIENTE?	23
A BUSCA DA IDENTIDADE	41
REFLEXÕES ACERCA DA EXPRESSÃO “CULTURA SURDA”	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
2. A idade crítica para a aquisição da linguagem	53
SOBRE O TEMPO E AS ETAPAS NA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM	55
PRIVAÇÃO SOCIAL	58
A MATURACÃO CEREBRAL	61
AQUISIÇÃO DA SEGUNDA LÍNGUA (L2)	65
AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM NA SURDEZ	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS	75

PARTE II: ROMPENDO FRONTEIRAS	77
3. Do gestual ao lingüístico	79
O ESTATUTO SIMBÓLICO DOS GESTOS NA SURDEZ	83
A LÍNGUA DE SINAIS	94
LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (Libras)	97
A AQUISIÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS	116
4. A linguagem oral	118
ABORDAGEM ORALISTA: DA TEORIA AOS FATOS.....	120
SOBRE A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM ORAL	130
O IMPLANTE COCLEAR: UMA LUZ NO FIM DO TÚNEL	133
CONSIDERAÇÕES FINAIS	163
5. O surdo bilíngüe	165
QUE TIPO DE BILINGÜISMO TEM SIDO PROPOSTO PARA A SURDEZ?	167
A ESCOLHA DOS PAIS PELO BILINGÜISMO	174
BILINGÜISMO OU COMUNICAÇÃO TOTAL?.....	180
ESCRITA: UMA OPÇÃO BILÍNGÜE	191
CONSIDERAÇÕES FINAIS	199
PARTE III: CALEIDOSCÓPIO.....	203
6. Das relações entre cognição e linguagem	205
SOBRE AS ABORDAGENS A RESPEITO DA SURDEZ E OS PROCESSOS	
COGNITIVOS	209
CONSIDERAÇÕES FINAIS	217
7. A heterogeneidade da surdez e suas implicações	
neurolingüísticas	219
O ESTATUTO LINGÜÍSTICO DO HEMISFÉRIO ESQUERDO.....	222
O ESTATUTO LINGÜÍSTICO DO HEMISFÉRIO DIREITO	224
SOBRE A ORGANIZAÇÃO CEREBRAL DA LINGUAGEM	226
CONSIDERAÇÕES FINAIS	232
À guisa de conclusão	233
<i>Bibliografia</i>	241
<i>Anexo: Os surdos que participaram da pesquisa</i>	255

Prefácio

Em primeiro lugar, agradeço o convite para prefaciар o livro de Ana Paula Santana. É sempre uma grande responsabilidade apresentar ao outro uma obra e sugeri-la como leitura; ao fazermos isso, tornamo-nos partícipes das novas aventuras do outro.

Todavia, aceitei esse desafio pois entendo que se trata de obra ampla, interessada em discutir modos atuais de enfrentamento das problemáticas que envolvem a surdez, sendo, nesse sentido, muito necessária.

Surdez e linguagem – Aspectos e implicações neurolingüísticas apresenta um debate de idéias muito rico, importante para pesquisadores e para todos aqueles que se interessam pela surdez. Trata-se de um texto bem construído que percorre caminhos pouco usuais, já que os depoimentos dos sujeitos surdos envolvidos são entremeados com muita propriedade pela discussão teórica. Ao mesmo tempo, a autora, corajosamente, traz para o debate um largo espectro de facetas que constituem os múltiplos modos de lidar com a surdez, indo dos recursos do implante coclear à abordagem bilíngüe de atendimento ao surdo. Esse modo de tecer o texto descortina ao leitor um vasto cenário, revelando conflitos, discussões e saídas que têm envolvido essa área do conhecimento nos últimos tempos.

Além disso, a autora revisa vários aspectos que interessam à neurolingüística e perpassam a surdez, como: a idade crítica para aquisição da linguagem, o desenvolvimento lingüístico gestual e oral, o bilingüismo e a aquisição e o desenvolvimento da escrita, pontuando como surdos e ouvintes vêm se relacionando com a surdez diante desses aspectos.

Certamente esta obra não esgota os debates da área, muito pelo contrário, traz pontos de tensão que instigam o leitor à reflexão, diante da complexidade que a surdez nos apresenta – exemplos são os impedimentos para a aquisição da linguagem oral e a necessidade de intervenção diferenciada para a aquisição da linguagem, na perspectiva de favorecer o desenvolvimento pleno dos sujeitos surdos.

Assim, espero que o leitor aceite o convite e encontre em *Surdez e linguagem – Aspectos e implicações neurolingüísticas* material para aprofundar seus conhecimentos nessa área.

Cristina Broglia Feitosa de Lacerda
Piracicaba, novembro de 2006.

Graduada em Fonoaudiologia pela USP
Mestre e doutora em Educação pela Unicamp
Docente do curso de graduação de Fonoaudiologia
da Unimep e do programa de pós-graduação
em Educação da Unimep

Introdução

O diagnóstico da surdez¹ traz, junto com ele, os pré-construídos culturais em relação ao “ser surdo”: impossibilidade de falar, de aprender, falta de inteligência, insucesso na escola, incapacidade de conseguir um bom emprego etc. Quando uma família ouvinte descobre que o filho é surdo, tem de fazer escolhas: se realizará a cirurgia de implante coclear, se aprenderá a língua de sinais, se comprará um aparelho auditivo, se submeterá o filho à terapia fonoaudiológica, se irá colocá-lo em uma escola regular ou especial.

O tema da surdez envolve, em função disso, muitos aspectos: de ordem médica (sobre a etiologia, o diagnóstico e a cirurgia de implante coclear); de ordem lingüística (processos diferentes de aquisição e de desenvolvimento da linguagem oral e/ou de sinais); de ordem educacional (abordagens específicas para o surdo); de ordem terapêutica (acompanhamento especialmente no campo da fonoaudiologia); de ordem social (dificuldade nas interações com ouvintes); de ordem trabalhista (dificuldade de arranjar emprego e luta pelo aumento da “cota” de vagas para deficientes); e de ordem política (lu-

1. Neste trabalho, quando utilizo os termos “surdez” ou “surdo”, refiro-me apenas à surdez de grau profundo, com uma porcentagem mínima de resíduo auditivo.

ta pelos direitos dos surdos e pelo reconhecimento da língua de sinais). Todos esses aspectos decorrem da dificuldade do surdo para falar a língua *legítima* – a língua na sua modalidade oral.

É por isso que, de uma maneira ou de outra, os pais ouvintes procuram inicialmente garantir que seu filho possa falar. Se lhes asseguram que isso será possível por meio do implante coclear, eles em geral o farão. Se lhes afirmam que o filho falará pelo uso da língua de sinais, eles tentarão aprender essa língua. Se lhes dizem que os gestos prejudicam a aquisição da fala, eles procurarão impedir situações comunicativas em que estes possam aparecer.

Entre as áreas do conhecimento relacionadas com a surdez sempre houve disputa para apontar a melhor solução para a comunicação dos surdos. Essa competição de soluções para o problema tem duas bases. De um lado há o oralismo, que busca a “normalidade” e a fala, procurando dispor de avanços tecnológicos para oferecer ao surdo a possibilidade de ouvir. De outro, existe o bilingüismo, que defende a língua de sinais como sendo a língua dos surdos, e até mesmo a idéia de uma cultura surda específica, direcionando o debate para uma questão de política lingüística. Há, pois, um embate entre a área da saúde (que busca “normalizar”) e a área pedagógica (que procura diminuir os “estigmas”).

As propostas de trabalho direcionadas à surdez têm se preocupado, basicamente, com as abordagens específicas educacionais para os surdos, com a defesa da “cultura surda” e com a análise dos aspectos formais da linguagem. Isso decorre do fato de que é novo o interesse, de forma sistemática, da lingüística pelo tema. Antes, a surdez era objeto de estudo de médicos e educadores e, mais recentemente, de fonoaudiólogos. Pode-se dizer também que estudos sobre o tema na área da neurolingüística ainda estão no início. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é oferecer uma contribuição a esse debate, a fim de proporcionar discussões que levem em conta a relação entre linguagem, cognição e cérebro, assim como o que decorre dela: as interações socioculturais, a intersubjetividade, os processos de significação. Esses elementos procuram compor uma perspectiva sociocognitiva das ações humanas.

Minhas preocupações voltaram-se, com isso, para a análise do que de fato ocorre nas interações sociais que marcam a experiência lingüística dos surdos. Por exemplo, propõe-se a um surdo determi-

nada abordagem terapêutica/educacional, mas como esse surdo relaciona-se com sua família ouvinte, com seus pais e com seus amigos na escola? Quem são os seus interlocutores? Quais opções lingüísticas esse surdo faz diante de situações interativas, lingüísticas e heterogêneas? E, principalmente, quais as implicações neurolingüísticas desses aspectos?

A discussão sobre o funcionamento cognitivo na surdez não pode se referir apenas aos aspectos biológicos. A organização cognitiva particular está também relacionada à percepção do mundo e à construção da significação. Podemos dizer que, na surdez, encontramos uma condição neurolingüística de grande complexidade, em decorrência das condições de aquisição da língua, do uso da leitura labial, da língua de sinais, da fala, da “audição” resultante das próteses auditivas e dos implantes cocleares, dos aspectos culturais e do impacto político e social desses aspectos na vida dos surdos. E esses fatores dependem ainda de outras variáveis: usos da língua, interlocutores proficientes, possibilidades de adquirir uma segunda língua, métodos formais ou informais na aprendizagem da segunda língua e a relação de cada sujeito com essa(s) língua(s).

Uma vez que se leva em conta a neurolingüística enunciativo-discursiva para a composição deste trabalho, consideram-se relevantes as relações entre cérebro, linguagem e cultura, as situações de enunciação contextualizadas, os metadiscursos produzidos, os contextos pragmáticos, a construção da subjetividade e as condições sócio e psicolingüísticas. Assim, cabe a indagação de como podemos pensar o funcionamento cerebral ante a surdez e as condições de linguagem heterogêneas.

Não se pode tomar como base a idéia de que há um “cérebro do surdo” universal, ou seja, não podemos fazer generalizações arbitrárias sobre seu funcionamento nem correlações anatomofisiológicas a expensas de fatores históricos e subjetivos. O cérebro humano, por sua natureza plástica e dinâmica, é capaz de novas (re)organizações funcionais resultantes do contexto sócio-histórico de que o sujeito participa.

Em função disso, uma série de outras questões se coloca: a discussão sobre “cultura e identidade surda” tem quais conseqüências sobre os aspectos neurolingüísticos? A dificuldade na aquisição da linguagem em idade tardia na surdez pode ter como base de explicação apenas a tese do período crítico? Como as condições lingüísticas

(língua de sinais, linguagem oral, bilingüismo) que o surdo apresenta influenciam os fatores neurolingüísticos?

Baseando-me nessas considerações, organizei os capítulos deste livro dividindo-os em três partes. Na primeira parte, discuto aspectos relacionados às realidades fabricadas. Nela, procuro entender o que subjaz ao conceito de surdez e seus categoremias: identidade, cultura, língua. Procuro também compreender o motivo pelo qual o metadiscurso construído pelos leigos e pelos especialistas em surdez transforma a representação da realidade em realidade da representação, como ocorre com a reivindicação de uma cultura surda, de uma língua do surdo, de uma identidade surda.

Do mesmo modo, discuto – com base nas noções de tempo, de etapas predefinidas e de maturação cerebral – o conceito de idade crítica para aquisição da linguagem. “Verdades” enraizadas em nossa cultura que trazem conseqüências para o tratamento da surdez são, então, expostas: a priorização de próteses auditivas para crianças menores, a crença na impossibilidade de adquirir a linguagem após determinada idade etc. Analiso ainda se, na atualidade, com a confirmação da plasticidade cerebral, é possível conceber o cérebro como rígido e inflexível.

Na segunda parte, “Rompendo fronteiras”, abordo aspectos relacionados ao funcionamento da linguagem. As diferentes propostas educacionais para a surdez delimitam fronteiras entre gesto, língua de sinais e linguagem oral. Porém, as fronteiras são rompidas quando se verificam sistemas semióticos verbais e não verbais co-ocorrentes; interações marcadas por disfluências dos interlocutores, cujas interações são repletas de mal-entendidos; surdos que não se “identificam” com as escolhas lingüísticas realizadas por seus pais ou professores; a desmistificação do falante/ouvinte ideal; e abordagens terapêuticas e educacionais que se distanciam da prática e da história dos surdos com a linguagem.

Na terceira parte, “Caleidoscópio”, enfoco as implicações neurolingüísticas das diferentes formas de perceber e referenciar o mundo. Assim como o caleidoscópio produz várias imagens em um mesmo objeto, as experiências humanas podem ser diversas, embora todos os sujeitos sejam surdos (homogeneidade que esta pesquisa demonstra ser aparente e arbitrária). Mudanças nas interações, na linguagem, provocam mudanças cognitivas. A discussão sobre cérebro, cognição e linguagem na surdez não pode se basear em um cérebro universal,

homogêneo, a-histórico. Há transformações cognitivas que ocorrem em função de como significamos e compartilhamos o mundo, da(s) escolha(s) lingüística(s) que fazemos, de como construímos nossa subjetividade. Ao compreender esses aspectos como inter-relacionados, percebemos a relação intrínseca entre linguagem e cognição, bem como a importância das condições de aquisição e uso da linguagem – seja ela oral ou sinalizada – em nossa capacidade de apreender, interpretar e agir no mundo. Essas condições têm implicações (neuro)lingüísticas. Há um silêncio que se revela na arbitrariedade de algumas abordagens educacionais que não levam em conta a relação de mútua constitutividade entre cognição e linguagem, em que intervém a qualidade das interações humanas e as práticas sociais – das quais a linguagem é, sem dúvida, a mais significativa.

Acrescento que meu estudo leva em conta aspectos relacionados apenas aos surdos de grau profundo e filhos de pais ouvintes. Essa é a realidade dos surdos considerada mais problemática em termos sociais, lingüísticos e cognitivos.

Participaram desta pesquisa seis crianças e cinco adultos surdos. A história de cada sujeito citado pode ser encontrada nos “Anexos”. Esta pesquisa envolveu: a) análise do uso da linguagem por surdos que participaram de abordagem bilíngüe, por surdos que foram submetidos à abordagem oralista e por surdos que possuem implante coclear; b) entrevistas com a família, com os fonoaudiólogos, com os professores e com os instrutores de língua de sinais; c) entrevistas com surdos adultos². Utilizei um método de análise observacional e qualitativo, no qual foram enfocados usos significativos da linguagem insertos em práticas discursivas, que requerem diferentes usos de linguagem (oral, de sinais, gestos). Por meio desses recortes procurei entender melhor os processos de significação verbais e não verbais de que os surdos lançam mão em suas interações sociais, bem como observar suas implicações neurolingüísticas.

2. Os dados para essa pesquisa foram coletados em instituições que trabalham com surdos sob diferentes abordagens. São elas: Centro de Estudos e Pesquisas em Reabilitação Prof. Dr. Gabriel Oliveira da Silva Porto (Cepre/FCM/Unicamp), Centro de Pesquisas Audiológicas (CPA/HRAC-USP/Bauru) e Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação (Derdic/PUC-SP)